

# O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

5 DE DEZEMBRO DE 1964  
ANO XX — N.º 541 — Preço 1

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo  
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENAL  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

## TRIBUNA de Coimbra

Bodas de Prata — vão ser no domingo 3 de Janeiro próximo, festa do Santíssimo Nome de Jesus. Ainda não sabemos qual o programa, mas começamos a afadigar-nos para que o dia seja cheio, agradável ao Senhor e a todos nós.

Contamos com a presença do nosso Bispo. Contamos com os sacerdotes que estiveram e estão ao serviço da Obra. Contamos com a presença dos trezentos e setenta rapazes que se filiaram nesta Casa, menos cinco que já partiram deste mundo e que, à volta de Pai Américo, cantarão conosco as misericórdias do Senhor.

Faz vinte e cinco anos que Pai Américo partiu com os três primeiros de Coimbra a caminho de Miranda do Corvo e aqui se instalaram na casa familiar que ainda hoje é. Com o dia

de acção de graças, vai ser também um dia de romagem e saudade. Tantos que daqui partiram para a vida e nunca mais cá voltaram, por razões que não foram, decerto, o esquecimento ou a falta de ânsia de voltar.

O dia 3 de Janeiro vai ser um grande encontro. Muitos que estão fora da Metrópole não poderão estar presentes, fisicamente, mas também esses não faltarão com uma mensagem de união.

Para já damos notícia dos actos que contamos se realizem: Às quatro horas da tarde chegará o Senhor Arcebispo e bronzará o cruzeiro, fronteiro à casa, e aí celebrará a Santa Missa em que será o casamento do Carlos Manuel Trindade. A seguir será a bênção da casa dos maiores. Logo depois teremos todos uma refeição familiar

Tudo estará terminado para que possam regressar a Coimbra no combóio da noite.

Queremos que esta notícia chegue a todos e sirva de convite aos trezentos e setenta filhos desta grande família. Cada filho que ler esta notícia preocupe-se em dar dela conhecimento aos irmãos que encontrar. Pedimos somente uma coisa: todo aquele que conta estar presente aqui, nesse dia, nos diga, logo que possa, num simples postal, por causa da refeição, entre outras causas.

Enquanto escrevo, ouço o movimento dos pedreiros, carpinteiros, canalizadores, ladrilhadores, electricistas, seralheiros, pintores, todos atarefados para que a casa, que se iniciou no dia 1 de Novembro de 1961, esteja prontinha no grande dia que vai ser o dia 3 de Janeiro de 65.

P.e Horácio

## Eng.º Duarte Pacheco

Foi também num dia 16 que o Senhor o veio buscar. A sua lembrança permanece entre nós, neste mundo de asas cortadas em que os mortos podem ser mais presentes do que os vivos. Permanece... e permanecerá a lembrança do homem público que percebeu e acreditou quem, por ideal superior e apolítico, se deu a servir a bem da Nação.

O nosso altar é testemunha de que esta lembrança não é palavra vã.

## O PÃO DOS POBRES

Não é sem um certo pudor pela ineficácia dos nossos serviços tipográficos frente à decisão de publicarmos, ao menos, um livro de Pai Américo em cada ano — é um bocadito envergonhado, mesmo, que eu apareço a dizer que o «Pão dos Pobres» - III volume já vai a caminho dos assinantes da nossa editorial. O segundo volume saiu, passa de dois anos e eu estava já a descreditar de quando este sairia... Saiu — graças a Deus, mais à resolução de o mandarmos acabar numa encadernação de fora, uma vez que a nossa é o estreitamento de um funil em relação à Impressão e mais ainda à Composição.

Esta é a oficina quase bem equipada.

Na impressão falta-nos uma máquina que dedicássemos expressamente à obra de livro, dado que a Johannisberg está quase saturada com o nosso e outros jornais aqui feitos. Mas a Encadernação é que não pode mais, com a dobragem do nosso jornal e do «Auto-Constructão» e com a fatura de trabalhos comerciais que, graças a Deus, não tem faltado. Precisávamos de uma máquina de dobrar; de outra de coser; para além de uma nova de agrafar que entrou agora em serviço. Se elas, todo o trânsito de outras oficinas sempre entrará na Encadernação.

É certo que «a necessidade aguça o engenho» e a publicação de um opúsculo sobre «Calvário», trouxe-nos a lembrança dos doentes de Capitanados pelo Bernardinho paraplético de 15 anos, que o Baptista trouxe de Angola esse ano, eles estão pondo em prática no referido opúsculo lições de dobragem e coseduro que o Oliveira e o Cerqueira lá foram dar. E, doravante, passamos a contar com eles. Mas mesmo assim, ainda caudal sofrerá constrangimento quando a obra sair à Impressão para os trabalhos finais.

Cont. na SEGUNDA página

## Carta de BENGUELA

Foi a um sábado. O nosso Padre Manuel ausente. Pela manhã, quando estava de abalada para a cidade, eis que chega, a correr, alguém, ajlito, que me diz: «Venha por favor; está uma mulherzinha a morrer e é preciso levá-la ao hospital».

Corremos. Era perto e de carrinha foi um instante. No local não foi difícil reconhecer qual o seu cubículo, pois pela aglomeração de gente ficámos logo a saber onde era. Que cena meu Deus!

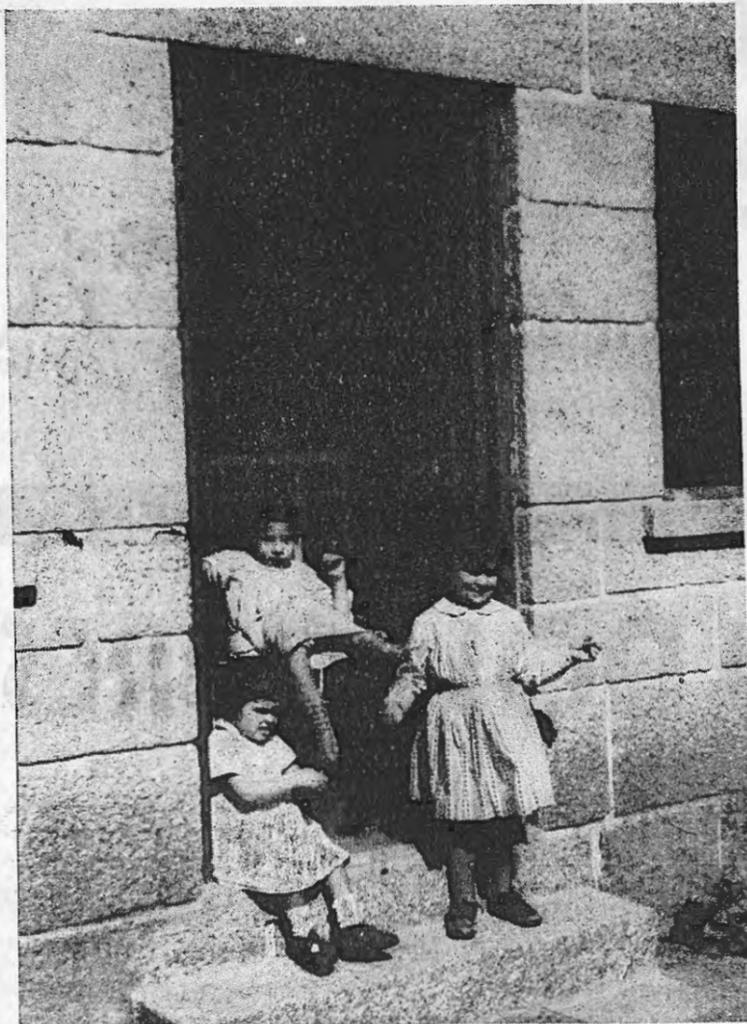
Ali estendida numa esteira com metade do corpo em cima e outra metade no chão de terra batida, jazia agonizante um ser humano desamparado do mais pequeno conforto. Gemia e pela boca saía-lhe uma espuma amarela. No rosto, traços de muito sofrer. Ao lado, gente vizinha recolhia-se em silêncio.

Condições para a levarmos eram nulas: Uma carrinha aberta e por caminhos cheios de buracos. Pedimos, então, ao hospital o envio de uma ambulância com maca, mas a resposta foi cruel e negativa. Então, pegámos na pobre enferma ao colo. Sentiamos-na já muito desfalecida e numa correria louca chegámos ao hospital. De nada valeu à infeliz; morreria ao transpor o Banco hospitalar. A injustiça dá aso à revolta, dizem, e é certo: Em nós subiu-nos à frente o desejo de perguntar o porquê de tudo isto. O Menino que um dia nasceu num presépio não nasceu para todos? Acaso Ele cresceu, viveu e morreu só por alguns? Não foi por todos? Ele, naquele dia, estava triste. Chamou a Si uma irmã e quis pôr à prova a caridade dos homens, e uma vez mais, para



O Jaime, o Carlos Manuel, o Zé Luis, mais o João descascam tomates para o doce que hão-de comer!

Cont. na QUARTA página



Celeste, Maria Alice e Rosária.

labores que saltam de tantas mãos habilidosas!

O homem-económico dos nossos tempos é aqui condenado. Não é ele que nos interessa, embora o prisma da economia seja aquele pelo qual quase todos espreitam. Os senhores vão vender isto que eles fazem, não vão? Não é o homem-económico que nos preocupa. O homem é mais do que um valor comercial. Mas quem anda enfiado nestes não o descobre.

**A** Maria Alice esteve um mês em Lisboa, no nosso Lar, à espera de chamada para iniciar a aprendizagem escolar numa Instituição de invisuais. Esteve um mês inteiro. E tornou para aqui, sem ter dado entrada. Razão: Um senhor da capital reservou as vagas todas para quem bem entende. Ai, dos Pobres! Ai, dos cegos!

Padre Baptista

# Belém

Na data em que escrevo, a Diocese de Viseu chora a perda do Pastor que há 36 anos a governa, evangeliza e santifica.

Foi Deus servido chamar a Si Aquê de cujas mãos sagradas fiz a minha comunhão solene e recebi o Sacramento da Confirmação na Fé.

Morreu Aquele que incansavelmente gastou a vida a servir a todo o homem de boa vontade, o Cristo — Caminho, Verdade e Vida. Revejo-me, menina e moça, ali à beira da balaustrada que então separava a Capela Mor do corpo da nossa majestosa Sé, a beber sofregamente do manancial de fé, esperança e caridade que brotava do verbo inflamado, persuasivo e piedoso do nosso querido Bispo. E quem poderá esquecer aqueles sermões da Quaresma, com Sé repleta, e uns Senhores, que nunca se viam na Igreja, lá pelos fundos, meios encobertos nas sombras das belas colunas?

Agora, qual folha do Outono que se desprende e cai, eu o vi cair das alturas daquele púlpito, onde tanto brilhou, ali para a urna, um pouco abaixo. Caiu o corpo, mas o espírito, esse libertou-se e subiu! Desceu o corpo à sepultura, mas a alma, não! Mudou-se para onde se vive em plenitude. Que já esteja no seio de Deus.

Quero que se saiba que o

Senhor D. José desempenhou papel decisivo no aparecimento de Belém. Embora mantendo uma atitude de reserva e prudência que a Santa Igreja costuma assumir nestes casos, sempre me acolheu com paternal bondade. Foi a primeira pessoa que puz ao corrente dos meus projectos e foi com seu conhecimento e aprovação que dei todos os passos tendentes à efectivação dos mesmos.

Sem tal aprovação eu não teria ido por diante. Mais do que estímulo, ele foi para mim o sinal da aprovação de Deus.

— Senhor D. José, já escrevi ao Padre Carlos e ele propõe uma troca de impressões. Qualquer dia vou a Paço de Sousa...

— Pois vá!

— Ainda não expôs os seus projectos ao Senhor Governador?

— Ainda não, porque ele não me conhece e prefiro esperar que alguém me apresente.

— Com isso não se preocupe. Nós tratamos disso. Passados estes oito dias, pode procurar confiadamente o Senhor Governador.

— Sr. D. José, já fui a Lisboa...

— E então?

— Tudo correu ainda melhor do que eu pensava. A minha exposição fez com que o Ministro Dr. Martins de Carvalho viesse trocar pessoalmente impressões comigo.

— Conte lá...!

E depois do Natal de 58: — Sr. D. José, já lá tenho quatro!

— Mas onde?

— Numa casa alugada, ali junto à ponte da Azenha...

— E como paga a renda de casa? Valha-nos Deus! (Em tom de quem pensa alto). A nossa Diocese é pobre e já está cheia de casas de caridade, quase todas com gente de fora...

Eu apresentei-lhe «O Gaiato» da última quinzena.

— Senhor D. José, aqui está a primeira lista dos donativos que já recebi. É enorme mas,



## Uma Carta

Sr. Padre Carlos

«Os meus cumprimentos, com desejo de muita boa saúde, para poder apreciar essas boas tângeras de Setúbal. E se elas puderem vir até aqui, eu também gosto. Aqui os alfaiates, pedem o favor para o Sr. Padre reparar muito bem nessa máquina da alfaiataria, de Zig-Zag, para depois se dignar contemplar-nos, com uma igual, podendo mesmo servir de consoada. Valeu? Já nem duvidamos: — máquina temos nós!

Por cá tudo menos mal, por agora nada de especial.

O Sr. Padre saiu e nem se despediu desta comandita e muito em especial dos alfaiates barulhentos, que estão sempre a pedir a máquina. O ferro já cá canta.

Agora para terminar, fico fazendo votos para que estas minhas lembranças sejam bem acolhidas.

Cumprimentos e abraços de toda a rapaziada, das senhoras, do Sr. Emídio e um grande abraço deste seu Amériquito».

\* \* \*

Os Senhores façam o favor de atender ao signatário desta e livrem-me de apuros.

Há muito que os alfaiates me fritam por um ferro eléctrico e por uma máquina de alfaiate tipo industrial. Que as que estão na oficina «são do tempo do arroz de 15», e que era preciso mais uma para os artistas não estarem empastados..., e que essa nova devia ser uma máquina à altura... Fritam-me!

Ora do ferro já eu me desquitei. Como a coisa não ia por aí além — cerca de 300\$ — um dia fui ao J. Nascimento Cordeiro por outro recado, vi lá um ferro eléctrico de alfaiate... e cá. Agora a máquina de costura fia mais fino. Esta da nossa Casa de Setúbal, em que sou convidado a reparar, é uma categoria: prega botões, caseia e não sei se ajuda a vestir o casaco aos clientes... Mas quanto custa? Não sei..., mas lá dos cinco contos deve passar!

De modo que, a respeito da máquina continuo a ser fritado. Até quando? Não haverá ninguém que me queira libertar?...

## Pão dos Pobres

Cont. da PRIMEIRA página

Esta explicação-desabafo saiu-me sem a pensar. Mas já que sim, ofereço-a aos nossos assinantes como estímulo, afim de que na leitura do seu exemplar surja a necessidade de encomendar mais, para proporcionar tão salutar alimento aos seus amigos em ocasião de Festa ou de aniversário... e sempre.

Da nossa parte, consideramos a saída deste volume como um presente de Natal, tão valioso pela riqueza espiritual que contém quanto insignificante ele é na sua aparência material.

Que assim seja acolhido pelos quatro mil que o vão receber. E que em breve, dos três mil que ora sobram, não sobre senão a pena dos que ainda o não têm e terão de esperar a terceira edição.

# CALVÁRIO

O Campo Santo está em construção. É no alto da mata, em meio dos pinheiros, esguios e calmos. O sol banha já o recinto, e aquece a terra que vai ser sagrada. As paredes crescem nas mãos dos pedreiros.

No dia de Páscoa tudo estará pronto para receber os restos mortais dos que o Senhor for chamando deste Calvário. Não podíamos encontrar melhor data. É a afirmação consciênte da nossa fé na ressurreição. Se Cristo ressuscitou, também estes hão-de ressurgir, um dia. Não vai ser campo de morte, mas de esperança fundada. A cruz bem alta ao fundo não vai ser o símbolo da morte, mas o sinal da Vida, da Vida eterna, que por ela nos veio. Por isso, todos vão ficar voltados para a cruz.



OBRA DE RAFAEL PARA RAFAEL, PELOS RAFAEL



# Aqui Lisboa

Por  
PADRE LUIZ

**E**STAMOS chegados ao momento decisivo em que se irá concretizar o sonho de que aqui já falámos. A nova Aldeia vai começar a erguer-se. O projecto geral está aprovado e a sequência das construções encontra-se definida. A nova escola, com três salas de aula e uma outra de estudo, mais um salão de festas e recreio, além dos respectivos anexos, começará a surgir, se Deus quiser, ainda este mês ou nos princípios de Dezembro. Seguir-lhe-ão as oficinas.

Dinheiro, perguntarão? Não temos nem indaguem aonde iremos buscar. Cálculos ou previsões? Quando a obra é de Deus as contas só atrapalham. Se fosse tarefa seme-

Visado pela  
Comissão de Censura

lhante às do mundo não nos meteríamos em tal. Nós próprios nos admiramos desta «loucura». De que dispomos, então? Da certeza de que Deus não nos desampará; e, depois, da nossa capacidade de trabalho, dado que do mais pequeno ao maior, todos temos ocupação. A «Obra da Rua» nasceu, aliás, bem enraizada nas Virtudes Teológicas e assim quer permanecer; fora desta perspectiva tudo seria fracasso. Aos nossos Amigos, de Lisboa em particular, é feita a chamada. Com pequenos tijolos é que se constrói um arranha-céus. Todos podem contribuir. Até aqueles que pensarem como um anónimo que, «apesar de não ser da cor» nos enviou, há pouco tempo, um donativo. É que a Obra da Rua, nascida dum Coração Sacerdotal é, sem demagogias fáceis, obra do povo, para o povo e pelo povo, porque obra de Amor e este não tem fronteiras. Directamente ou através de qualquer instituição apropriada os auxílios podem «chover». E, por hoje, é tudo.

## DIARIO DUM SOLDADO

As Festas Pascas, graças a Deus, passei-as na Sua graça. O tempo não é de festas e a alegria não pode vir de fora. Mas, viver interiormente em alegria, porque o Senhor vive em nós, é a maior alegria que pode haver — reconheço.

por enquanto, nenhum apparece de Viseu... Tudo bate certo, porém. As quatro primeiras também vieram de fora, pela mão dos Padres da Rua...

— Deus a ajude! Agora, a nossa benção...

Era assim que sempre me despedia.

Já lá vão quase seis anos e o Senhor veio chamar a Si o nosso Bispo.

Na hora da despedida, um ranchinho de Belenitas, cordeiros perdidos doutros rebanhos, lá estava na Sé, associando-se piedosamente às preces de sufrágio pela alma do Pastor que as recebeu no seu Rebanho.

E todas as noites, depois da recitação do terço, dirigido por uma delas, se ergue uma vozita:

Pela alma do nosso Bispo, Pai Nosso...

Dai-lhe, Senhor, o eterno descanso...

INÊS

Olhando o passado e reparando no futuro, pensamentos tristes transformam-se em esperança. Melhor é não recordar... Mas tudo me faz lembrar o passado: um simples gesto, uma simples acção — tudo me recorda os passos inúteis para alcançar uma felicidade terrena que me dava prazer para aquele instante. Tudo isso rola na minha cabeça... Não que receie do relembrar o ser inútil que fui o regresso a ele! Não por dizer que «desta água não beherei»... Mas, se continuar a pôr em Deus os meus olhos, Ele não me abandonará. A questão é que eu seja para Ele tal qual sou, sem máscara nem capa de farçante.

Que feliz a Paz de quem se esforça por viver bem! Ainda há dias a experimentei, quando daquele desastre, afinal sem consequências, mas que podia ter sido o fim. Apesar do amor que tenho agora à vida, nada temi que Deus me levasse.

E diante dos homens, nesta nova colocação que me deram, tenho-me dado às mil maravilhas: Respeito e sou respeitado.

**J**Á nos referimos ao carneiro que temos em Casa. Constitui, sem dúvida, um atractivo, que às vezes causa embaraços. Anda pela quinta e entra nos edificios. É vulgar ver grupos de toureiros improvisados, simulando as mais inéditas «sortes». O pior é que o trabalho fica por fazer! Mas, para cúmulo, já encontramos o dito ovino a querer entrar na sacristia. E, um dia destes, quando nos encontrávamos a falar com uma das nossas Professoras, eis que o nosso «amigo» passou pela porta semi-cerrada e se propôs subir para uma das carteiras, ao lado dos Rapazes! Contamos isto para bem perceberes a nossa vida íntima, feita de coisas pequenas e simples. Sim, que não pretendemos ter dentro das nossas portas algum carneiro fenómeno, em vias, se possível, de nos ajudar à Missa ou de aprender a ler e cantar... Vem até nós e apalparás o nosso viver.

Meus bons amigos, procurem, todos os dias, uma das muitas maneiras de dar alegria a alguém! Toda aquela pessoa que, egoisticamente, se fecha em si, será a que maiores contrariedades suportará. A sua vida será vazia, árida, sem sentido. Esqueça-se, pois, de si mesmo, volte-se, olhe, carinhosamente e interessada, para o seu próximo. Há tanta maneira de oferecer-

## ORDINS

mos um pouco da nossa alegria, do nosso amor! Uma palavra, um sorriso, um auxílio numa aflicção... será um raio de Sol numa alma atribulada.

Vem aí o Natal. A nossa generosidade expande-se, multiplica-se, excede-se para com os nossos familiares. Não esqueçamos os que sofrem, os necessitados, os famintos. Noite de Natal! A noite mais memorável de todas, porque nela nasceu o Salvador. Ele, «o Rei dos Reis» quis que o Seu berço fosse o mais humilde da terra. As primeiras pessoas a visitá-Lo foram os pobres pastores, levando-Lhe, com alegria, os seus pequenos presentes. Estes representam para nós as muitas migalhinhas que nos vêm daqueles que dão do que precisam. Depois, chegam os que podem dar: porque Deus lhes concedeu a graça de se desprenderem do que possuem, a favor

## Cantinho de MALANJE

**O** Manuelzito mudou os seus «alunos» para as pocilgas novas. Foi um acontecimento! Um alvitrou que se devia ter convidado o Snr. Emílio com sua banda para festejar... Marotos!

Azevedo diz que os porquinhos têm passado o dia a ler o jornal — tanta é a larica!

Manuel! não queremos leitores do jornal... Sim que os teus «alunos» fiquem gordos e ferros.

**O** «Elvas»... Olha a dispensa, «Elvas»! Olha as mesas! Tens água nos filtros? E o «Elvas» vai atirando com as suas pernas de meio quilómetro. Há dias entregou uma moeda de 2\$50 que tinha encontrado! Gostei tanto do gesto! Não há muito, ele andava pelas ruas a vender jornais, e uma moedazinha seria para ele um achado.

**O** Snr. Coronel da Aviação, Ivo Ferreira, deu-nos um boi. Que lindo boi! O «Nelo» agora é o pai do boi. Ele é água, ração, pôr o dito no pasto... Lá se vai o dia do «Nelo»!

Vacas... Agora vacas, para aproveitar o dia do «Nelo» e a raça pura do «Barnabé». Quem oferece uma vaquinha?

**S**NR. José e Snr. Joaquim acabaram de pôr em pé as colunas de pedra da casa-mãe. Pedra quente arrancada ao coração duma pedreira. Colunas que mais parecem mastros a marcar amor e beleza no tempo e no lugar!

**F**OMOS por aí abaixo e entrámos nas igrejas de Luanda. Falámos coisas simples que todos compreendem — membros sãos, membros doentes, todos uma família que deve estar unida pelo amor!

Resultado: Carinho e compreensão. E na Igreja de N.ª Senhora da Conceição 1.300\$00, no Carmo 7.000\$00, na Sagrada Família 15.000\$00, na Igreja de Jesus 5.500\$00 e uma joia arrancada discretamente e posta na sacola com muitas lágrimas.

Bendito seja Deus!

Padre Telmo

a quem trabalha. Essas pessoas são pobres, mas, pelo seu trabalho, vão vivendo melhor e valendo-se ao mesmo tempo.

No «Gaiato» de 15/8, lamos um S. O. S. a favor de uma cedeira, que tinha de ir para as termas. Obrigado aos que ponderaram. Uma até diz assim: «Eu sei o que é essa doença e o que tenho gasto em tratamento; vão 50\$00, e peço desculpa de ser pouco». O sofrimento aproxima-nos uns dos outros. Todas as dádivas vieram com uma palavra de carinho. Esta te deira, que não podia mexer o braço, já começou novamente a trabalhar.

Uma vez que as necessidades são constantes, aqui vai mais um pedido: Queríamos medicamentos para o nosso consultório.

Cont. na QUARTA página



# PELAS CASAS DO GAIATO

## SETUBAL

● Senhor Padre Acílio foi re-pousar uns dias. Senhor Padre Carlos veio até cá para o substituir. Hoje de manhã, veio mostrar-me um aviso e perguntar-me onde

ia arranjar dinheiro para pagar o consumo de electricidade.

Eu tinha ouvido o sermão sobre o Santo Condestável, e apeteceu-me fazer como ele, nos momentos críticos... Deixar a batalha, ajoelhar e entregar a causa a Deus e a Sua Mãe.

Fui dar uma volta pelos

dormitórios. Quando cheguei à camarata dos mais pequenos aconcheguei a roupa que cobria um deles, que estava a tossir. Finha só um cobertor, e este muito fino.

Ora, o frio do inverno vem aí, e eu lembro que os nossos rapazes precisam de agasalhos. Quem nos ouve?

● Eu gosto muito de ver os mais pequenos em minha casa. Fico todo contente quando os vejo ao domingo virem em procissão. Noutro dia, foi o Domingos que veio dizer que fazia anos. Uns doces no dia do aniversário sabem bem.

● O Caparica estava ao sol a descascar batatas. Eu passo e olho: metade da batata ia junto com a pele. Ralhei e fiz ver a perda, mas passamos o ano nisto, e lá se vão as batatas.

Não se esqueçam da máquina que o Sr. Padre Acílio pediu. Não é por luxo nem por comodidade, é uma necessidade para não haver desgoverno.

● A nossa Casa tem sido pouco visitada, dir-se-ia que estamos esquecidos. Até aqui, era porque a estrada estava em mau estado, mas agora, que está toda alcatroada, não há desculpa. Esperamos cá os nossos Amigos. Venham ver o nosso viver, e teréis que contar e ensinar em vossas casas.

Ernesto Pinto

## BELEM

● O exame de catecismo — Num domingo, sem ninguém esperar, a Mãe Ofélia disse-nos que íamos fazer exame do segundo volume. Antes de o fazermos disse-nos para estarmos com atenção para fazermos um bonito exame mas que o principal era praticar o que tínhamos aprendido. Quando acabámos, a Mãe Ofélia disse-nos os valores que tínhamos. A Fatinha teve 18, a Fernanda e a Edite tiveram 15, eu tive 12, a Lindita e a Dili tiveram 10. À noite a Mãe Ofélia deu-nos as prendas e disse-nos que para o ano só tinham prendas quem tivesse mais valores e quem se portasse bem, quem se emendasse de alguns defeitos. Ficámos muito contentes. A Fatinha teve uma capelinha com uma Nossa Senhora luminosa, a Edite teve uma máquina com retratos de Fátima, a Fernanda uma capelinha, eu um livrinho de Nossa Senhora de Fátima e os três pastorinhos, a Lindita e a Dili tiveram um santinho. Vamos lá ver se para o ano somos capazes de ter prémios.

● Os pintainhos — Estes pintainhos de que vou falar não são filhos de galinha, são as duas mais pequeninas que cá temos. Um dia, andavam a brincar no jardim em frente da casa. Nisto ouviu-se um grito da Mirita que vinha muito vermelha e com uns olhos muito abertos seguida da Nélinha que se ria com um riso muito amarelo. Ambas se dirigiram à cozinha dizendo: «Eu vi um coelho muito grande...» Foi ver-se o que era e, em vez de um coelho, saiu um porco. Este tinha saído da pocilga e muito pachorrento começou a passear.

A Nélinha como ainda não pronunciava bem as palavras, quando lhe perguntaram se viria um coelho dizia: «Não, era um porco»

Sãozita

## Lar do Porto

● Perdoai o meu sono tão durável cuja culpa é só minha porque assunto não falta.

● Era para vos falar das aulas. Embora em atraso saibam que três estudam de dia e quatro de noite. O António Manuel vai frequentar aulas de técnica de rádio, à noite.

Os livros que há tempos pedimos têm chegado de muitas partes. A última semana era de livros escolares para os 2.º e 3.º ciclos. Alguns aproveitamos, os outros serão úteis aos que irão estudando. Além de escolares, recebemos várias obras de autores muito famosos.

● A disciplina tem sido o maior esforço do chefe deste Lar, que com afazeres inúmeros consegue controlar com certa perfeição o ambiente da rapaziada.

● Veio um televisor. Foi comprado e já o tínhamos em mente com tempo velho. Agora a gentinha não vai sair mais à noite porque não há necessidade. Sómente uma vez por mês para irem ao cinema.

● No dia 1 de Novembro, dia de Magusto, fomos a Paço de Sousa onde tivemos uma disputa com as primeiras em futebol. Entendemo-nos muito bem com o resultado obtido a favor dos visitados por 3 a 2.

● A Conferência que não está no auge da sua gloriosa história tem sido o assunto n.º 1 por parte dos seus confrades. Cada um tem o seu Pobre, até dois, e faz os possíveis por visitá-los ao menos uma vez por semana, quer levando-lhes esmola material, quer levando-lhes a convivência pessoal e espiritual. As esmolos que de vós vão chegando não nos permitem gastos que achamos serem o mínimo necessário. Mantenham por amor a eles e a Deus as vossas quotas. Alguns esquecem-se e não mandam. Outros não querem continuar. Os Pobres que auxiliais por nosso intermédio contam convosco.

Orlando

## TOJAL

● Como ainda há pouco começaram as aulas, parece-nos altura própria para falar um pouco das actividades do presente ano lectivo.

Começou e, para já, deve reinar em todos uma grande vontade de vencer, porque de contrário, não se justificariam todos os esforços que se desenvolveram, no sentido de proporcionar ao Rapaz, uma melhor preparação cultural. Assim, graças à vontade e compreensão de um grande amigo nosso vizinho, foi possível organizar um curso nocturno para aqueles que, sacrificando um pouco das suas horas vagas, quiseram dedicar à melhor formação cultural, que os ajudará na formação profissional, tão indispensável nos tempos que correm. E de certo que ninguém se arrependerá das horas que gastar com os estudos, mas ainda virá a reconhecer a utilidade destes cursos de aperfeiçoamento.

Também aqueles que frequentam os liceus ou cursos técnicos, já iniciaram o seu ano lectivo. Agora que estamos ainda no limiar desse novo ano, é altura própria para nos debruçarmos sobre as responsabilidades inerentes à condição de estudante. Elas são individuais e colectivas, na medida em que cada um terá de responder perante si e perante a comunidade. É assim em nossa casa, para que se realize o verdadeiro espírito de família. Portanto, agora que estamos a tempo de levar da melhor maneira estes nove meses de estudo, peçamos a Deus que nos encoraje, para que Possamos chegar ao fim vencedores.

● Também com o único sentido da valorização dos Rapazes, foi enriquecida a nossa carpintaria com uma máquina de serradores. Agora não se trata de valorização cultural, mas sim de valorização profissional. Tudo se tem feito com o intuito de oferecer ao Rapaz um ambiente de trabalho o mais aproximado possível daquela que ele um dia encontrará na vida. As maquinarias são muito caras, mas Deus tem-nos amparado, e o certo é que, na medida das nossas possibilidades, as oficinas estão aptas a preparar Rapazes, quando da parte destes houver correspondência e vontade de aprender.

Luis Gonzaga



U M movimento de Auto-Construtores que, à custa de muitos sacrifícios, edificam as suas próprias habitações e de Amigos que os compreendem e ajudam. Na base e estar sempre o Auto-Construtor. Ninguém o poderá substituir. Nem o padre, nem o engenheiro, nem o capitalista, nem mesmo o Estado. Ninguém. O Auto-Construtor não poderá ser um conformista, um resignado, no sentido fatalista do termo. Ao contrário, tem personalidade, cultiva essa mesma personalidade; tem fé, acredita na liberdade e, no momento de actuar, actua com decisão, e coragem e persistência. Tem uma ideia forte: Possuir uma casa, erguida pelo seu esforço, pela sua economia, pelo seu sacrifício em colaboração com uns tantos companheiros. Quando hoje muitíssimas famílias que, para mais, ganham bem, se não importam de viver a vida inteira num quarto de que pagam a devida renda ao fim do mês, o Auto-Construtor quer possuir uma casa sua. Não se contenta, não se satisfaz com outra solução. Quer uma casa sua para viver com a sua família. Sabe de antemão que são precisos sacrifícios sobre sacrifícios. Tem de saber muito bem que, nos tempos que correm, em muitas circunstâncias se exige heroísmo para se construir uma casa. Requer-se para tal um esforço prodigioso de abnegação. Só quem souber e tiver a coragem de se saber limitar em tantas despesas habituais mas em parte supérfluas. O Auto-Construtor é capaz de beber vinho, quando os companheiros bebem cerveja e, se fôr preciso, beberá água, quando os vizinhos bebem vinho. Sabe sacrificar-se. Tem a coragem de o fazer. O Auto-Construtor aprendeu e aprende a usar o seu dinheiro, a nunca gastar sem o ter ganho e a pôr de lado algum com destino à construção de sua casa. Para tanto é forte, é corajoso. Sacrifica o supérfluo ao necessário. Entre outras tem a maior estima por duas virtudes: o trabalho e o critério económico. Estes rapazes ou estes homens novos são a base, a matéria prima de Auto-Construção. Alguns já existem; muitos mais temos de os formar. O movimento tem que ter Amigos que compreendam os Auto-Construtores. Amigos inteligentes que vejam o vastíssimo alcance de ordem cristã, humana e económica que está para além daqueles rapazes e daquelas casas. Amigos inteli-

gentes que não esqueçam que a melhor doutrinação dos nossos jovens se faz na acção e pela acção. Compete a estes Amigos da Auto-Construção compreender e ajudar. Primeiro compreender todo o alcance para os jovens, para as terras e mesmo para a economia nacional; depois ajudar. E ajudar técnica, burocrática e financeiramente. Terá de ser assim.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira)

Padre Fonseca

## Carta de BENGUELA

Cont. da PRIMEIRA página

vergonha nossa, saímos derrotados. Estava triste o Senhor nesse dia. Viu Ele o comodismo de muitos e viu aquela sem ninguém à hora da morte. Reparou depois no mundanismo que vai por esse mundo e viu aquela com uma tanga pobre que a cobria. O Senhor estava triste. Os homens por quem Ele se deu são uns derrotados, não merecem o Seu Sacrifício. Ele nasceu para todos, mas tantos teimam que veio só para alguns.

Américo dos Santos

## ORDINS

Cont. da TERCEIRA página

É tão bonito, mas falta-lhe o melhor. O Senhor Doutor até já disse que não valia a pena vir, uma vez que não tem medicamentos. Quem levanta o dedo?

\* \* \*

A pedido de muitos leitores, aqui vão os preços dos nossos trabalhos: Carpetes, a 190\$00, por metro quadrado. São trabalhos por encomenda, que fazemos de qualquer desenho, em qualquer medida. São em lã e algodão. Colchas, em lã e algodão, com 2,20 m. por 1,60 m., 200\$. Mantas em tiras de nylon, com as mesmas medidas das colchas, 80\$00. Chales, em 3 tamanhos, 125\$00, 95\$00 e 65\$00. Echarpes, 95\$00. Camisolas, desde 30\$00 até 90\$00, conforme os tamanhos. Combinações, em malha, para senhora, 80\$00. Capas, 80\$00. Sacos de guardanapos, feitos no tear e outros bordados a ponto de cruz, 6\$00. Soquetes para dormir, 12\$50. Pegas para tachos, 4\$00.

\* \* \*

Agora, vamos dar nota das encomendas enviadas, para satisfação de quem as recebeu, e para que outros, que ainda não conhecem os nossos trabalhos, se animem.

Beira, 1 manta e 6 pegas; Fundão, 1 chale. Porto, 7 chales e 2 tapetes. Lisboa, 12 pegas e 1 camisola; Castanheira de Pera, 1 chale e 2 pantufas para a Figueira da Foz; Lisboa, 1 tapete e 8 pares de pantufas. Para a teceira doente, 10\$00 e mais 10\$ por meio da Casa do Gaiato. Visitas, 40\$00 em pegas. Da avó de Moscavide, a oferta do costume. Da Avenida da República, 25\$00; «para que Deus me ajude a levar a cruz de Calvário, envio 50\$00 e peço uma Avé-Maria». Do anónimo de Lisboa, os 100\$00 habituais. Eu gostaria de saber a sua direcção, para lhe escrever, mas o maior agradecimento é Deus que o dá, pela satisfação que se tem pelo cumprimento de dever.

M. A.

